

JAMB CULTURA

Este caderno é parte do Jornal da Associação Médica Brasileira (JAMB) – Coordenação: Hélio Barroso dos Reis
Bimestral março/abril de 2014 – n° 26



Jaime Baião é médico reumatologista, professor aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e autodidata em pintura. Sempre foi instigado pela pintura. Qualquer uma. Sabia da dificuldade do espaço, da cor e da forma e, quanto mais simples, mais difícil lhe parecia. Começou a usar a tinta acrílica, às vezes esmalte sintético, óleo, verniz, poliuretano e permitiu-se utilizar das mais diferentes texturas e materiais. Este foi um dos caminhos encontrados para a decantação de suas imagens. Começou suas atividades com as tintas em 1979, e, desde então, mantém-se constante na sua busca pictórica.

Exposições Internacionais:

Outubro 2011- Art Shopping, Paris, França;

Dezembro 2011/ Junho 2012 - Ward-Nasse Gallery, Nova Iorque, Estados Unidos.

Maio 2012 - Biennial of European and Latin American Contemporary Art (BELA), Porto, Portugal.

Autor: **Jaime Baião**

Título: **Floripa muitas coisas**

Dimensões: **100X100X04 cm**

Técnica: **Óleo/acrílica sobre tela**

Ano: **2013**

Acervo: **pessoal**

boa leitura

“Floripa Muitas Coisas” é a ilustração escolhida para a abertura de mais uma edição do nosso Jamb Cultura. Sua autoria é creditada ao colega Jaime Baião, médico reumatologista e professor aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), autodidata em pintura.

No final do ano, foram anunciados os vencedores do II Concurso de Crônicas e Contos da AMB, promovido pelo departamento cultural. Na categoria crônicas, o ganhador foi Hermes Bernardi, de Ouro Fino (MG), com o texto “A Fera e a Bela”. O segundo lugar ficou com “Eu, Hospital de Custódia e Tratamento” de Ildo Simões Ramos, Clínica Geral e Pneumologia, Salvador (BA). O terceiro colocado foi “Alma Branca”, de Hélio Begliomini, urologista de São Paulo (SP).

Na categoria contos, o vencedor foi Marcelo Gurgel Carlos da Silva, da medicina do trabalho, em Fortaleza (CE), com o texto “Arrastão Funesto”. O segundo lugar coube a “Invisibilidade”, de José Eugênio Borges de Almeida, Maragogi (AL). Ficou com a terceira colocação o conto “O velho médico”, de Cássio

Camilo Almeida de Negri, radiologista de Piracicaba (SP). A comissão julgadora foi composta por Guido A. Palomba (SP); Carlos Davi Bichara (PA); Murillo R. Capella (SC); Armando José C. Bezerra (DF) e Arnóbio Moreira Félix (MG). Conforme estabelecido no regulamento, estamos publicando as obras melhores colocadas nesta edição.

Ficamos honrados com a quantidade e a qualidade dos trabalhos apresentados à comissão julgadora, o que nos incentiva a promover outros concursos. Por isso mesmo anunciamos nesta edição o lançamento do III Concurso Nacional de Contos e Crônicas. Confira mais detalhes sobre o concurso na página 208. Contamos com a sua participação.

Boa Leitura!

Hélio Barroso dos Reis
Diretor Cultural da AMB
Ortopedia e Traumatologia
Vitória, ES

A FERRA E A BELA

“A gente nunca sabe quando vai encontrar o legista.”
(máxima içada do cinema americano)

Sentinela desalmada, à espreita sobre gargantas e desfiladeiros, a Esfinge assaltava os viajantes e propunha-lhes um enigma dos mais estranhos. Depois de enunciá-lo, de antemão vitoriosa, sentenciava: decifra-me ou te devoro.

Alguns instantes de aturdimento concedidos à reflexão da presa e, diante da incapacidade de resolução do quebra-cabeça, invariavelmente, o desfecho do confronto favorecia o monstro. À falta da senha, – resgate da vida e da passagem – nenhum caminheiro prosseguia avante e, tampouco, se permitia a opção da recuada. Ato contínuo, implacavelmente, o inepto viajante era dilacerado entre a dentama, cuspo e mau hálito da bocarra ditadora.

A fera enigmática, após o repasto, recolhia-se de volta ao nicho estratégico de seu império, até que outro descuidado troca-pernas se aventurasse por aquelas lonjuras, tributárias do mesmo destino: o apetite do animal mitológico.

“Decifra-me ou te devoro” e pronto: a rotina. Mais um desjejum no cardápio monótono da besta canibal.

Então, sem quaisquer pretensões, num entardecer de premissas indubitáveis, apareceu, por lá, numa das espirais do caminho, bem na rota de colisão com a necropsia, o que seria apenas mais um peregrino perdido em suas andanças e folganças – pobre-diabo, incauto como tantos outros desgraçados que o precederam.

A Esfinge, um esgar zombeteiro e dentuço, antegozando o futuro-próximo manjar, desce da tocaia de seu rochedo, à margem do leito da estrada, com o velhaco e contumaz propósito de bloquear a única saída do labirinto.

Cancela medonha, postou-se à frente do vagabundo, mas, de repente, perplexa, emudeceu, incapaz de formular o dilema esdrúxulo que impunha, de costume, como pedágio a ser tributado pelo forasteiro invasor de seus domínios.

Desde que, na vida do submundo, como em qualquer atividade desportiva, “quem não faz leva”, tacitamente foi ela, a Esfinge, desta vez, a personagem interrogada e, em seguida, reduzida à condição sumária de vítima retalhada em miúdos, porque não solucionara, porque os expedientes de sua astúcia não encontraram resposta edipiana para o mistério dos lábios apresentado pela outra, a desconhecida criatura que, em vão, intentara interceptar.

Era, no horóscopo do tempo, simplesmente o dia da caça. Não é que – muito azar! – a Esfinge invicta se defrontara mesmo com a Mona Lisa?! E o fio da navalha de seu sorriso transefíngico.

Hermes Bernardi
Clínica/Cirurgia Geral
Ouro Fino, MG

Eu, Hospital de Custódia e Tratamento

Sou um sanatório há mais tempo que o Carandiru. Podem me olhar do alto de suas perplexidades. Primeiro, porque o Carandiru não é um sanatório na acepção mais fiel ao termo. Se bem que poderia sê-lo. Ali, só há doentes de corpo e alma sumbidos. Segundo, porque a perplexidade maior é que quem sempre fala são os internos, e não as paredes que os abrigam. Não por modismo, mas por revolta, resolvi falar. Ou melhor, resolvemos: paredes, tetos e pisos. E aí, a perplexidade é nossa, porque vemos os nossos conteúdos por todos os ângulos: vestidos nos seus trapos, ou cobertos apenas por suas peles, algumas delas já curtidas, exalando o cheiro de curtume. Não sabemos por onde começar o nosso relato, porque tudo parece não ter começo nem fim, exceto quando aumenta o obituário, e aí sobra mais um espaço que já não existia. Os restos mortais seguem sem cortejo. Basta o séquito policial, com suas armas, já agora, não apontadas, porque não há riscos. Vão em direção ao cemitério, onde uma cova rasa já os espera. No caminho, os guardiões do cortejo falam de aventuras amorosas, os que têm, falam da família, da proximidade do recebimento do salário, que não teve aumento, porque o governo disse não ter recursos, o que é o nome pomposo que os financistas acharam para dinheiro. É uma rotina maçante. Um a menos já diminui a fervura no caldeirão humano. Estou com vontade de dizer no caldeirão do diabo. E se o fizesse, não estaria mentindo.

Não posso ser comparado a um hospital, nem a uma cadeia. No primeiro, há gritos de dor, angústias e muita gente circulando. Um séquito de profissionais, parentes, curiosos. Na cadeia, há uma malta de degredados a contar aventuras, planos de fugas, artimanhas, compras de proteção, convívios administrativos. Claro que há sofrimento, mas há um burburinho de vida. Eu fico com as sobras. A escória, o resto. A vida teima em não passar, porque tudo é lento, monótono. Parece que nem há vida. Ou, melhor dito, parece que a vida não tem valor, não tem um preço, um parâmetro para se medir a dignidade. Pior é que estou envelhecendo, estou ficando com as estruturas carcomidas e não vejo um fio de luz. Sei que, em breve, serei ruínas. E o que será dos meus habitantes? Vão se perdendo no tempo. Um que morre, outro que tem alta, um outro que se transfere. Limite-me a acompanhar suas trajetórias enquanto me fazem companhia. Chegam sempre assustados, o terror estampado no rosto, mas sem a consciência do que está por vir. Se pudes-

se, soprava-lhe no ouvido a estratégia para a rota de fuga. Mas nem sei se não vêm fugidos. Tenho certeza de que não sabem o que estão a fazer ali. Curtir uma pena que, melhor seria dizer, é sangrar uma alma. Caem numa rotina quase linear. Depois do está entregue dito ao condutor que o trouxe até minhas dependências, resta-lhe a pouca consciência de que vai pagar um tributo à sociedade, que já lhe houvera insultado, apequenado e insuflado a cometer o delito que o levara até ali. Agora, a sociedade lhe vira as costas e desliga a tomada de sua vida. Vira um número, ganha um rótulo, uma marca, tal o gado que se ferra no curral. Pensando bem, não me resta alternativa senão imaginar que sou um grande curral, porque não consigo me enquadrar em outra definição. Abrigo uma criação confinada que não se presta ao açougue, não faz cruzamentos genéticos, não é um lote de engorda. É um gado que só faz comer, dormir, padecer, não reproduz e morre. A morte, no caso, é um encurtamento do castigo. Um alívio para o corpo, porque a alma Deus haverá de tomar conta, pois se foi ele quem permitiu esta associação corpo e alma desagregados, deverá receber de volta pelo menos a alma, porque do corpo outros desvalidos hão de se encarregar.

Estão aí postas as minhas reflexões que haverão de servir, pelo menos, para que alguém se lembre de meus habitantes, desta saga de deserdados. Não me resta muito a fazer, embora tudo esteja por ser feito. As minhas ansiedades não têm limites. Começam pela chuva, que me entra pelo teto vulnerável, acumula-se no meu piso, e vai se juntando sorratamente aos restos deixados pelos meus habitantes. Passada a chuva, vem o mofo e deixa minhas paredes com vistosas manchetes, mas que ninguém lê. Um cheiro acre, que se junta ao suor dos corpos, dejetos, migalhas de comida, revolta os estômagos carcomidos. Não me sinto encorajado a fechar os olhos. Há, no ar, um círculo vicioso de miséria alimentada pela incompetência e brutalidade dos que não se perturbam com esta decadência. A mim, só cabe lamentar esta tragédia anunciada, porque um dia eu, que sou apenas pedra e cal, e não sou eterno, posso desmorrar e levar comigo a desgraça de não ter pedido à ferrugem que corresse mais cedo as minhas amarras, e portas abertas, para que aqueles que ainda puderem ter a consciência do perigo, possam abandonar as minhas dependências, para quando eu desabar de vez, só leve comigo os que não tiverem mais forças pra se atirar à rua com o fiapo de vida e esperança que ainda lhes resta. Não tendo vida, já está ficando escassa a paciência. A esperança? Ah, a esperança já morreu faz tempo, e nem pude acender uma vela no seu desenlace.

Ildo Simões Ramos

Clínica Geral e Pneumologia
Salvador, BA

Alma Branca

A medicina me proporcionou uma visão contrastante do homem e de sua condição, simultaneamente, apoteótica e trágica.

Se não bastassem os heróis anônimos e involuntários que dispuseram de seus próprios corpos e entranhas, formalizados para o imprescindível aprendizado anatômico da mais bela profissão humana, as duras aulas de medicina legal sobre os cadáveres recém-formados acenavam para a fragilidade da existência, e a lição mais sublime de humildade que todos deveriam alimentar pelo respeito mútuo, desde que foram e são esculpido no mesmo barro.

Na arte de curar, já vi inúmeras doenças e doentes sem-fim. Tratei de corpos contundidos, malformados, mutilados e cravados; como, também, de atletas, silhuetas esculturais, rostos angelicais e beldades.

Participei da alegria de diversos nascimentos e da tristeza de intragáveis partidas.

Fui arauto de boas e de péssimas notícias.

Senti a alegria contagiante de familiares apreensivos pela vinda de um novo ser, e partilhei o sofrimento em situações inelutáveis.

Ufanei-me por fazer diagnósticos raros, e me decepcionei por não poder tratar de várias condições mórbidas sem perspectivas, como se estivesse de mãos atadas, num beco sem saída.

Ajudei a parir inocentes conceitos, e tratei candidamente de indesejáveis bandidos.

Atendi seres humanos acidentados, esfaqueados, baleados, drogados e estuprados.

Toquei em corpos ensanguentados e perfumados... Incólumes e desarticulados... Atraentes e repugnantes... Hígidos e alquebrados... Sensatos e alienados... Formados e deformados...

Contatei e avaliei incontáveis pessoas. Senti nas mãos o calor de entranhas e retirei diversas vísceras desvitalizadas, estragadas ou tomadas por diferentes enfermidades.

Encantei-me com a vida colorida e deslumbrante, no interior de órgãos e sistemas orgânicos.

Atendi pessoas da classe A, da classe E, e socialmente desclassificados. Bem vestidos e maltrapilhos, com roupas surradas, desbotadas e rasgadas.

Senti perfumes estrangeiros e odores de corpos suados, sem acesso a banhos semanais, ou mesmo de corpos vomitados, urinados e defecados.

Compartilhei doenças de amigos, familiares, filhos, e participei em cirurgias de entes queridos, – sangue do meu sangue – experiência inefável que pouquíssimas pessoas poderiam aquilatar.

Vi olhos atentos, cenhos apreensivos, semblantes apavorados, como, também, personalidades alegres, confiantes, em fáces serenas, diante de uma miríade de doenças.

Presenciei pessoas que conviveram com os achaques da vida, que aceitaram, ou que se desesperaram, diante da inexorabilidade da morte.

Observei através dos olhos e além das entranhas. Avaliei e tratei do psiquismo, sem ser psicólogo ou psiquiatra.

Compartilhei do lenitivo benfazejo daqueles que têm uma crença, e do vazio repugnante de outros que não visualizam a perspectiva da fé na transcendentalidade da matéria.

Trabalhei sofredamente, durante o dia e durante a noite. De sol a sol, em jornadas extasiadas e intermináveis aos finais de semana, feriados, natais e réveillons. Por vezes, não contemplei o encantamento mágico da alternância do dia pela noite, e da noite pelo dia.

No sacerdócio médico, experimentei a alegria e o pranto, o prazer e a aversão, a amizade e a solidão, a gratidão e a ira, o apogeu e o fracasso, a glória e desilusão, a fraternidade e o desespero.

Cuidei de pacientes desnutridos e consumidos pela paupérrima condição social, ou por alterações patológicas.

Apalpei megeras humanas desdentadas – esqueletos semi vivos – carcomidos, combalidos e vencidos por múltiplas doenças.

Acompanhei, tristemente, pessoas sadias serem surpreendidas, transformadas e desfiguradas, num passe de mágica, por diversas enfermidades, e todos ficamos perplexos diante da fragilidade e da fatalidade humana.

Presenciei doenças controladas, curadas, evitáveis e erradicadas; mas sempre vi a infalibilidade da morte sucumbir a realza da vida.

Senti, inconstante, ser depositário de confiança e de esperança, e o dissabor paradoxal da incapacidade, pela limitação dos conhecimentos científicos e profissionais.

Atendi em hospitais, consultórios, igrejas, aviões, lugares públicos; em festas e em velórios.

Adentrei casas, apartamentos, mansões, porões e favelas.

Testemunhei famílias unidas pelo imenso amor e benquerença, e lares ameaçados ou destroçados pelo ódio aniquilador.

Examinei gente de toda estirpe: de operário a professor, de artista a aposentado, de ministro a desempregado, de intelectual a analfabeto, de militar a liberal, de político a eclesiástico, de policial a malfeitor, de santo a prostituto, de inocente a corrupto.

Através do exercício da sagrada arte hipocrática, a existência desfilou-se, nua e crua, em toda a sua pujante extensão: da aurora intra-útero, ao acaso desconexo da senectude. Em tudo, vislumbrei a força incoercível e carinhosamente geradora do Criador e, em todos, vi delicados e inestimáveis invólucros de Sua imagem e semelhança.

Helio Begliomini

Urologia
São Paulo, SP

ARRASTÃO FUNESTO

O funeral da colunista social Lúcia de França prosseguia noite adentro, ainda com muitos “convivas”, sobretudo realçado pela presença de damas da *high society*, todas elas alvo de suas costumeiras e supérfluas notas, postadas na coluna diária do jornal “Diário Popular”, em troca de boas moedas sonantes.

O velatório “Descansa em Paz” esmerava-se na recepção patrocinada por esposas de empresários, tendo até contratado garçons para servir uma autêntica *champagne*, de boa safra, cabendo a eles circular nas pequenas rodas de amigas, ali acotoveladas nas áreas reservadas a acompanhantes, servindo a bebida e canapés. Junto ao corpo inerte, apenas a vigilância solitária de uma sobrinha da falecida, que cuidava de debulhar um contrito terço.

Por volta das 22 horas, o recinto foi irrompido pela abrupta chegada de dois intrusos que, adrede, de armas em punho, anunciaram:

– Isso é um assalto!

O ambiente, que mais parecia um clube da “Luluzinha”, onde “menino não entra”, como se propagava no famoso gibi homônimo dos anos sessenta, foi tomado de surpresa, com várias mulheres ameaçando ter um chilique. Foi um Deus nos acuda.

– Fiquem calmas! Se vocês colaborarem, ninguém sairá ferido aqui – tranquilizou um dos bandidos.

– Não tentem fazer nada e não adianta pedir socorro, pois os seguranças da funerária já foram rendidos – falou o outro assaltante.

Esse homem, ao perceber que uma dondoca buscava acionar o celular, a ela se dirigiu e arrebatou-lhe das mãos o telefone, aplicando-lhe em seguida uma chave de braço. Então, retendo-a, diante das demais, ameaçou:

– Se vocês não ficarem quietinhas, esta “perua” aqui vai pagar um preço bem alto – decretou o facínora, apontado o revólver para a cabeça da sua refém.

A partir daí, nem mais um pio se escutava, embora a palidez ficasse estampada até mesmo naquelas de tez mais trigueira.

– A gente só quer os objetos de valor! Não tentem esconder nada, se não, vocês serão forçadas a tirar a roupa.

Ao sinal do líder do bando, dois comparsas que haviam atuado como olheiros, xeretando antes o que se passava no ambiente, aproximam-se, portando uma pequena sacola cada um.

– Agora tirem os colares, braceletes e anéis, e ponham tudo nas sacolas. Se vocês não tirarem por bem, vamos arrancar na força.

Com esse aviso, algumas mais relutantes trataram de se livrar, logo, dos seus preciosos pertences, colocando-os nas ditas sacolinhas.

Terminada a primeira colheita, que incluiu objetos de valor estimativo, entregues com muita dó, o cabeça do grupo delin-

quente, dando sinais de que se tratava de um viciado em tecnologia da comunicação, apesar de ser um ladrão, fez nova cobrança:

– Abram as suas bolsas e nos passem os celulares, *palmtops* e *netbooks*.

– Chefe! Os sacos já estão cheios. Não cabe mais nada – informa um dos “obreiros” coletadores.

– Pegue a bolsa grande daquela madame – respondeu o chefe, apontando para uma conhecida *socialite*.

A vítima indicada protestou, com veemência, tentando regatear:

– Oh, não! Pegue outra qualquer! Essa é uma legítima “*Louis Vuiton*”, que eu comprei em Paris, por dez mil dólares.

– Por quanto foi, hein, madame? – inquiriu o chefe.

– Por dez mil dólares – ratificou a proprietária da bolsa.

– Pois é essa mesma que vai nos servir – sentenciou o assaltante, arrancando bruscamente a bolsa dos braços da senhora.

Nessa hora, os meliantes notaram que outras madames cuidavam de apertar as suas bolsas, abraçando-as como se fossem um filho querido.

– Ei, chefe! Acho que tem mais dessa marca “*Luí Vutom*”, pois tô vendo várias com um “L” e um “V” “ferrado” no couro.

– Então recolham todas as bolsas com essa marca do “LV” – determinou o chefe aos demais comparsas.

– A gente pega agora só as bolsas e esvazia elas, chefe? – perguntou um bandido, ainda imberbe, denunciando sua adolescência.

– Não, seu idiota! Pegue com tudo! – mandou o chefe.

– Como é que vamos levar tanta coisa?

– Isso é o de menos! Dá-se um jeito – explicou o bandido-mor, exibindo uma calejada experiência de meliante.

Em seguida, o comandante da operação obrigou dois dos seus companheiros a retirar da urna funerária o corpo de Lúcia de França, dispondo-o no chão, enchendo o caixão com o apurado no arrastão.

Para completar o sucesso da empreitada, levaram o botim no coche fúnebre, furtado ali mesmo, e seguiram, para a periferia da cidade, acompanhados pelo quinto homem do grupo, que ficara fora do velatório, aguardando-os para concluir o arrastão.

O que restou no velório foram “peruas depenadas”, já pensando em como adquirir novas bolsas *Louis Vuiton*, se não com a qualidade das trazidas de Paris, mas com os mesmos LV das exibidas no “Beco da Poeira”, situado no centro da cidade, um reduto dos vendedores ambulantes.

Marcelo Gurgel Carlos da Silva

Medicina Sanitária

Fortaleza, CE

Invisibilidade

O céu a escurecer, nuvens pesadas e escuras trazidas pelo vento, um ar poeirento que obrigava as pessoas a se abrigarem e a maldizerem o dia.

- Pronto, Amara, a chuva começou outra vez, vou ter que ir desentupir o esgoto a céu aberto lá na parte baixa da cidade. É que junta o lixo da rua e entope a vala do esgoto, começa a subir aquela porcaria toda e começa a entrar pela casa de toda a gente. O lugar fica que é nojeira para todo lado, num cheiro que ninguém aguenta. Mas quem tem que aguentar somos nós que limpamos aquilo tudo e, ainda por cima, pelo salário mínimo.

- É, Marcos, esse trabalho é que devia ser bem pago, e também não devia existir esgoto a céu aberto. Tá tudo errado nesse mundo.

Amara pescava aratus no mangue perto da sua casa e mariscava, na maré baixa, revolvendo a areia da praia. Conseguia algum dinheiro vendendo esses produtos às pousadas cheias de turistas, que vinham bronzear seus brancos corpos naquelas praias, indiferentes a toda a miséria que os rodeava. Lançavam olhares de desprezo e nojo ao cheiro de mangue que Amara exalava. Amara procurava não chamar a atenção sobre si, tentando passar despercebida, como se fosse apenas um objeto de trabalho. A vizinha Ofélia veio emprestar solidariedade a Amara com a sua companhia e trouxe um saquinho com mangabas frescas ao seu quintal.

- Pra fazer um suco, comadre.

A velha Ofélia também buscava companhia. O seu marido a abandonou há tempos por uma criança de 14 anos, que fugia da fome que passava em sua casa.

Era comum essas quase ainda crianças ofertarem os seus corpos e a sua juventude aos homens, para mitigar a miséria e fome em que viviam, esquecendo os seus sonhos de amor e pondo os pés na lama.

Aqueles homens quarentões seguiam o caminho dos seus ancestrais, numa insensibilidade a toda prova, cedendo ao apelo animalesco dos seus apetites sexuais e abandonando suas famílias.

As suas mulheres eram abandonadas com muita frequência e trocadas por jovens púberes. Os maridos as abandonavam e deixavam de dar sustento aos filhos. Os tribunais estão cheios de processos de queixas deste gênero.

Marcos, em seu trabalho, tem visto seus colegas fazerem o mesmo percurso. Ele desce o morro para desentupir os esgotos a céu aberto, cabeça vazia de pensamentos. No princípio, vomitava sempre que tinha que executar aquele trabalho. Agora já tem o estômago preparado para enfrentar a imundice.

Quando as pessoas passavam pelo Marcos impregnado daquele cheiro de fossa, assim coberto numa lama preta pegajosa, desviavam os olhos e narizes e apertavam o passo. Era das poucas vezes que ele saía da invisibilidade social e passava a ser evitado, como na época medieval se evitavam os pestilentos e leprosos.

Subia a colina, onde ficava o seu barraco. Pelo menos a gravidade estava do seu lado e a chuva servia para lavar a porcaria da sua rua, levando-a para as partes baixas da cidade. Tomava um banho e conseguia tirar a metade do cheiro, depois ia para o boteco beber quanta cachaça pudesse pagar, até ficar com lábios dormentes, a fala pastosa, a obnubilação a tomar conta do seu discernimento e a fazer a soltar sua língua, lançando imprecações ao vento e a tirar do baú aquelas músicas antigas de Vicente Celestino:

-Tooornei-me um éeeebrio, na bebida busco esquecer, aaaaaaque-la ingrata que eu amaaaava e que me abaaandonou...

Amara, quando começava a ouvi-lo nessas figuras, guardava o seu jantar, pois já sabia que ele já estaria alimentado com seu antidepressivo diário. Esperava que o tom do vozerio diminuísse e ia buscá-lo pelo braço com muita paciência. Ele a relutar, e ela a fazer-lhe um carinho e a falar ao seu ouvido. Ele, por fim, a anuir, a deixar-se arrastar apoiado em seu ombro até sua cama e a desligar o que estava de sua vigília.

Amara olhava o seu corpanzil, antes tão bonito e agora reduzido, assim, a uma fraca e mal cheirosa figura. As crianças, com vergonha do pai, foram morar com a avó a três quadras dali. O que permitiu aliviar seu orçamento, serviu também para torná-la cada vez mais só e triste.

Os fios d'água da chuva escorriam pelas paredes do barraco e, com as goteiras do teto, compunham a tristeza do barraco que, não podendo falar, mostrava sua solidariedade desta forma.

Amara em sua tristeza infinda, vagava pelo barraco, percorrendo seus cantos, como quem procurava um lugar onde pudesse ancorar suas ansiedades, seus desalentos. Invadia-a, assim, uma desistência de si própria. Sentia-se vazia, oca, miserável. Revisitou seu passado, sua infância, sua vida pregressa. Amara, cansada de esperar uma saída condigna para uma vida saudável, onde pudesse criar os seus filhos.

Trôpega de emoções, abandonou-se em desistências.

Foi preparar a mistura pensada e repensada desde há duas semanas. Numa cachaça fina e cara que havia comprado, misturou veneno dos ratos. Ofereceu ao seu homem que, assim que sentiu o cheiro da cachaça, a bebeu sofregamente. A sua parte misturou com o suco de mangaba da comadre, pois não suportava cachaça e bebeu rapidamente, como quem mata a sede, como quem tem pressa.

Depois se deitou confortavelmente ao lado do seu homem, ele sentiu-a, puxou-a para junto de si e a enlaçou num abraço apertado.

Ela fechou os olhos e esperou que finalmente fosse invadida pela paz tão desejada.

José Eugênio Borges de Almeida
Clínica Geral/Medicina de Família
Maragogi, AL

O velho médico

O médico aposentado estava sentado na cadeira da cozinha, braços apoiados na mesa e, a sua frente, uma caneca de café com leite, que bebericava vagarosamente e na qual amolecia as torradas que comia.

Enquanto mastigava sem pressa, os pensamentos borboletavam na mente do velho doutor.

Lembrou-se que no início da carreira ainda dava toda atenção ao paciente, conversando bastante, colhendo informações valiosas para o tratamento, palpando, tocando com as mãos, toque este que parecia fazer parte da cura, como as mãos divinas do Cristo a curar o lázaro.

O tempo foi passando, a tecnologia crescendo, veio a ultrasonografia, a tomografia computadorizada, a era digital e o paciente foi transformado em um número:

-É o paciente do leito trinta, da pediatria do pavilhão dois, diziam no hospital. Não era mais o Joãozinho.

Não que a tecnologia tenha sido má, pois descobriu muitas doenças quando ainda tratáveis. O problema é que a tecnologia é mal usada, devassou os meandros do corpo e encobriu as belezas da alma.

Lembrou-se também da pressa. Quanta pressa tivera na correria do dia-a-dia, indo do consultório ao hospital, aos plantões e aos vários empregos. Nem tivera tempo para si e para a sua família.

Tinha tanta pressa que o tempo também acelerara. Os filhos cresceram tão rápido, nem pôde levá-los ao primeiro dia de aulas, nem à primeira comunhão. Quantas vezes prometera ensiná-los a andar de bicicleta... Tantas que acabaram aprendendo sozinhos. E a casa de bonecas no quintal, que nunca construiu?

Vieram os netos e tudo se repetiu. Cresceram e ele nem percebeu.

Até o gato, quando vinha se aconchegar ronronando ao seu lado, era espantado, pois o doutor não queria pegar toxoplas-

mose e muito menos ser atrapalhado em seus estudos quando estava de "folga" em casa.

Agora, em seus noventa anos, estava ali sozinho. A esposa já falecera, os filhos e netos há muito haviam voado para fora do ninho e, assim, como ele nunca sentira suas faltas, também não sentiam a falta de um velho esculápio tomando café com leite e torradas. Por sua mente vieram versos mal lembrados de Drummond:

- E agora, doutor
A festa acabou,
O povo sumiu,
A noite esfriou,
E agora, doutor
Pra onde?

Comeu mais um pedaço de torrada e café com leite.

Agora, sem pressa, tinha todo o tempo do mundo, mas não tinha mais o mundo para preencher o seu tempo.

Pensou que tudo o que aprendera em medicina também não significativa mais nada. Tudo estava ultrapassado, o novo conhecimento substituiria o antigo. Empurrou a caneca de café com leite para o lado, colocou a testa sobre os braços cruzados em cima da mesa e assim ficou até que duas lágrimas rolaram pela sua face.

A vida fora em vão...

Sob a forma de uma borboleta azul, um pensamento aos poucos veio se aproximando, titubeante. Foi crescendo, até iluminar sua mente como um clarão multicolorido. A borboleta se transformou naquela pacientezinha de quatro anos que há mais de sessenta anos não pudera salvar, e que em seus últimos momentos ele beijara-lhe a face e derramara algumas lágrimas, tocado que fora pela compaixão.

Sorriu, montou nas asas da borboleta, deixou seu casulo e voou, voou até desaparecer no horizonte da vida.

Cassio Camilo Almeida de Negri
Radiologia e Diagnóstico por Imagem
Piracicaba, SP

III Concurso Nacional de Contos e Crônicas da AMB

Já estão abertas as inscrições para o III Concurso Nacional de Contos e Crônicas. Os interessados deverão enviar os trabalhos até o dia 30 de junho, para a sede da AMB, na rua São Carlos do Pinhal, 324, em São Paulo – SP, CEP 01333-903, aos cuidados do Departamento Cultural.

A participação é gratuita e restrita aos associados da AMB, com até um trabalho por modalidade, com tema livre e inédito,

assinado obrigatoriamente por pseudônimo. Os textos devem ser de no máximo duas páginas digitadas, enviados em cinco cópias em envelope único, legível, também identificado por pseudônimo.

Outras informações sobre as inscrições, regras do concurso e premiação poderão ser obtidas pelo e-mail cultural@amb.org.br ou pelo site www.amb.org.br.

Preencha a ficha de inscrição, recorte-a e envie em envelope lacrado.

III CONCURSO NACIONAL DE CONTOS E CRÔNICAS DA AMB

NOME COMPLETO: _____ SEXO: ____ DATA DE NASCIMENTO: _____
Nº CRM: _____ ESPECIALIDADE: _____
ENDEREÇO: _____ CEP: _____ CIDADE: _____
FONE: _____ PSEUDÔNIMO: _____
NOME DO TRABALHO: _____

Estou ciente do regulamento e autorizo a publicação do trabalho, por tempo indeterminado, sem ônus para a Associação Médica Brasileira.

Assinatura do autor

COLABORAÇÃO

O **Jamb Cultura** é um espaço aberto que estimula a produção literária e valoriza as manifestações culturais do Brasil. Para isso, convidamos os médicos a enviar artigos, crônicas, poesias, textos sobre cultura e história da Medicina para o Conselho Editorial.

A/C Hélio Barroso dos Reis (Diretor Cultural)

Rua São Carlos do Pinhal, 324, Bela Vista – São Paulo, SP
CEP 01333-903

Ou pelo e-mail: cultural@amb.org.br

Participe e colecion!

Normas para publicação de artigo no **Jamb Cultura**

1. Ser médico(a) associado(a) à Associação Médica Brasileira pela Federada de sua região.
2. Enviar texto de aproximadamente uma lauda (2.100 caracteres com espaço), na fonte Arial 12.
3. Se houver fotografias, favor identificá-las, colocar o crédito e enviar em 300 dpi, à parte (anexada ao e-mail ou em CD, ou *pen-drive*).
4. O material será apreciado pelos membros do Conselho Editorial antes de sua publicação.
5. Ao enviar ao Conselho, informar autorização de publicação.
6. Assinar o artigo com: nome, especialidade, cidade, estado e endereço para correspondência.

JAMB CULTURA

Edição Bimestral | Março e Abril de 2014
www.amb.org.br | cultural@amb.org.br

Presidente: Florentino de Araújo Cardoso Filho

Coordenador e Diretor Cultural: Hélio Barroso dos Reis

Diretora de Comunicações: Jane Maria Cordeiro Lemos

Diretor de Marketing: José Carlos Vianna Collares Filho

Conselho Editorial (2011-2014): Antonio Roberto Batista (Campinas/SP – região Sudeste)

Armando José China Bezerra (Brasília/DF – região Centro-oeste)

Arnóbio Moreira Félix (Belo Horizonte/MG – região Sudeste)

Carlos David Araújo Bichara (Belém/PA – região Norte)

Gilson Barreto (Campinas/SP – região Sudeste)

Giovanni Guido Cerri (São Paulo/SP – região Sudeste)

Guido Arturo Palomba (São Paulo/SP – região Sudeste)

Hélio Barroso dos Reis (Vitória/ES – região Sudeste)

José Luiz Gomes do Amaral (São Paulo/SP – região Sudeste)

Murillo Ronald Capella (Florianópolis/SC – região Sul)

Roque Andrade (Salvador/BA – região Nordeste)

Yvonne Capuano (São Paulo/SP – região Sudeste)

Editor Executivo: César Teixeira

Editora Manole

Editor gestor: Walter Luiz Coutinho

Editora: Karin Gutz Inglês

Produção editorial: Julia Carvalho, Juliana Penna, Cristiana Gonzaga S. Corrêa e Juliana Moraes

Projeto gráfico e diagramação: Sopros Design

Tratamento de imagens: Sopros Design



O Jamb Cultura somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Médica Brasileira, nem da Editora Manole.